

## **A relação do homem com o mundo através da noção de linguagem: um recorte**

### **Man's relationship with the world through the notion of language: an overview**

Ana Cristina Bochnia Cabral<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta uma análise da relação entre linguagem e pensamento ao longo da tradição filosófica e científica. A função aqui consiste em mostrar de uma maneira geral, o caráter ostensivo-instrumental que a linguagem teve até determinado momento da história e seu respectivo contraponto com o autor contemporâneo Merleau-Ponty. Dentre os filósofos que se detiveram a esta questão está, Agostinho sob a perspectiva metafísico-científica. Assim, o que se pretende aqui é mostrar o movimento teórico que parte da tese abstrata da linguagem como instrumento para uma linguagem constitutiva do humano radicada no corpo próprio.

**Palavras-chave:** Corpo. Experiência. Instrumento. Emergência.

**Abstract:** This work presents an analysis of the relationship between language and thought throughout the philosophical and scientific tradition. The function here consists of showing in general, the ostensive-instrumental character that the language had until a certain moment in history and its respective counterpoint with the contemporary author Merleau-Ponty. Among the philosophers who addressed this issue is Augustine from a metaphysical-scientific perspective. Thus, what we intend here is to show the theoretical movement that starts from the abstract thesis of language as an instrument towards a constitutive language of the human rooted in the body itself.

**Key-Words:** Body. Experience. Instrument. Emergency.

## **Introdução**

Ao longo da tradição filosófica alguns pensadores abordaram a linguagem sob registros diferentes, mas, sempre sobre o mesmo aspecto ostensivo e instrumental. Agostinho em seu livro *De Magistro*, afirma que as palavras ao mesmo tempo que indicam as coisas também constituem um instrumento pelo qual os pensamentos da alma podem ser transmitidos. Apesar de a linguagem ser uma construção humana ela é empregada no sentido de buscar e compreender a verdade divina. Outro filósofo que se deteve a esta questão foi Kurt Goldstein que estudou os impactos dos danos cerebrais na função cognitiva e na linguagem ao

---

<sup>1</sup> Graduada e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: bochniacabral@hotmail.com.

contribuir, mediante uma visão holística da linguagem, no esclarecimento da relação entre corpo e mente. Para ele, a linguagem desempenha uma função mais integral do cérebro, e não meramente uma função localizada em áreas específicas como outros autores estudaram. Por fim, ao exemplo de Goldstein, Merleau-Ponty propõe uma abordagem que se distancia da tradição filosófica acerca da linguagem explorando-a desde uma perspectiva fenomenológica e existencial. A linguagem não é mais um mero instrumento, mas uma experiência originária de expressão radicada no corpo vivido. Merleau-Ponty então formula a teoria de que a linguagem tem uma qualidade essencial que está enraizada na nossa experiência perceptiva, ou seja, ela emerge da nossa interação concreta com o ambiente. Assim, é através da linguagem que expressamos nossa vivência mediada a partir do corpo.

### **De Agostinho a Merleau-Ponty**

O diálogo entre Agostinho e Adeodato gira em torno da questão da linguagem, sua origem e o papel no processo do conhecimento. Em seu primeiro capítulo o diálogo repercute na finalidade da linguagem, já no capítulo XI Agostinho provoca a questão da linguagem afirmando que “não aprendemos pelas palavras que repercutem exteriormente, mas pela verdade que ensina interiormente” (AGOSTINHO, 1980, p.394). Um assunto que Agostinho debateu dentro dos limites do ceticismo da nova academia platônica, do qual sustentavam a tese de que não é possível encontrar um critério de evidência absoluta e indiscutível. Para os céticos, a fonte de todo o conhecimento era a percepção sensível, no qual não se poderia encontrar qualquer fundamento para a certeza, os sentidos fornecem dados variáveis, imperfeitos. Agostinho, reabilitou os sentidos como fonte de verdade, o erro provém dos juízos que se fazem sobre as sensações e não delas próprias. A sensação enquanto tal, jamais é falsa, falso é querer ver nela a expressão de uma verdade externa ao próprio sujeito. Cito um exemplo: “Eu sei que isto me parece branco” – limito-me a minha percepção, isso é diferente do que afirmar: “Isto é branco” – neste caso o erro torna-se possível.

Para ele, as palavras são as exteriorizações (sons). A aprendizagem se dá ostensivamente. A palavra substitui o objeto, acontece uma transposição pela memória cerebral, ela já internalizou a forma do objeto, assim, eu não preciso mais olhar para o objeto para saber o que é. O conhecimento da linguagem é um conhecimento técnico.

Estes conhecimentos estão como que retirados num lugar mais íntimo, que não é lugar. Ora, eu não trago comigo as suas imagens, mas as próprias realidades. As noções de literatura, de dialética, as diferentes espécies de questões e todos os conhecimentos que tenho a este respeito existem também na minha memória, mas de tal modo que, se não retivesse a imagem, deixaria/ora o objeto. Neste caso sucederia como à voz que ressoa e logo passa, deixando nos ouvidos a impressão dum rasto que no-la faz recordar, como se continuasse a ressoar quando na realidade já não ressoa. Sucederia como ao perfume, que, ao passar e desvanecer-se nos ares, afeta o olfato, donde transmite para a memória a sua imagem, que se reproduz com a lembrança; como ao alimento, que no estômago perde o sabor, mas parece conservá-lo na memória; finalmente, como acontece a qualquer objeto que o corpo sente pelo tato e que a memória imagina, mesmo quando afastado de nós. (AGOSTINHO, 1980, p. 218).

A arte de ensinar é superior a arte de falar. Há uma separação da palavra e da ideia. As palavras são sinais e a comunicação é acima de tudo sonora. O som é projetado do interior para o exterior. A alma é superior ao corpo. Aqui a palavra é vista como um instrumento da ideia, o meio pelo qual se faz entender o pensamento. Ela é o veículo que transporta a ideia.

Com o texto de Agostinho, podemos demarcar uma primeira grande posição na história da filosofia, ao longo da tradição metafísica, aquela que vai se tornar uma posição canônica. Agostinho elabora o primeiro tratado de que o tema da relação ontologia e linguagem se insere no sentido mais amplo do debate filosófico, estabelecendo assim, o caráter duplo acerca da linguagem. A linguagem se remete tanto do caráter ostensivo, no sentido que ela indica, designa, quanto um processo mental com a função de armazenar, por um processo de recordação e função cerebral.

Se as palavras nada mais são do que armazéns criadas pelo nosso cérebro, convém reconsiderar que Agostinho o fato de que na nossa alma habita a

verdade, a verdade está mais na alma do que no corpo. Nosso corpo cumpre esse papel no processo de armazenamento, é a alma que em última instância, confere, certifica a veracidade ou a falsidade de uma determinada ideia. Porque a alma nada mais é do que um sopro divino, expressão de uma interioridade divina, cuja o principal artífice é cristo, ou seja, ele é o mestre interior. Nós só conhecemos as coisas através da nossa atividade puramente espiritual, na medida que, a alma, o espírito, a mente, a consciência, ela é a sede da verdade. Agostinho vai além, vai dizer algo que depois, Descartes, Locke, Berkeley, Espinoza, Leibniz, Malebranche, e até mesmo pensadores e filósofos do século XIX vão também reverberar, reiterar e corroborar com essa tese. A tese é de que, na verdade a nossa linguagem é imprecisa, imperfeita, de modo que a nossa capacidade linguística não consegue traduzir fielmente a essência das coisas, dos objetos.

A função da linguagem é traduzir do nosso espírito o que se passa fora, mas na ânsia de traduzir ela se mostra imperfeita, parcial, imprecisa, sendo ela, um instrumento (Agostinho também reconhece dessa maneira) pelo qual nós traduzimos as ideias que estão no nosso cérebro. Justamente pela linguagem ser um instrumento, funcionar como um sistema, por mais que ela seja um meio subsidiário da alma, nós não podemos abdicar dela, mas também não podemos deixar de reconhecer que essa imprecisão da linguagem de transmitir nossos pensamentos, nossas ideias geraram tantos mal-entendidos entre os filósofos ao longo da história da filosofia, da história da ontologia. Então, é preciso encontrar uma maneira de purificar a linguagem, depurar ela de toda interpretação conotativa de várias interpretações semânticas. Por ser imprecisa, usamos um conceito para indicar diferentes coisas, isso é um problema ao ponto de precisar corrigir ela.

Passando para a contemporaneidade trago aqui o posicionamento de Merleau-Ponty sobre a questão da linguagem. Esse se contrapõe as posições representadas pelos filósofos racionalistas e empiristas. Merleau-Ponty encontra na linha fenomenológica de Husserl a fundação para a sua fenomenologia que é chamada de percepção, da qual se diferencia da tradição cartesiana. O ponto chave das discussões que ele nos provoca a refletir é que ele não se limita a um mundo apresentado com signos e definições, um mundo através da ótica da

interpretação, um mundo reduzido, que toma a forma de objeto que está fora e que será interpretado pelo sujeito.

Merleau-Ponty se afastou da postura dos filósofos tradicionais, além da fenomenologia ele se aproxima dos filósofos da Gestalt, onde percebem o homem como um ser situado, ou seja, provido de uma consciência encarnada no mundo. A partir de Merleau-Ponty o corpo é o meio pelo qual efetivamente nos encarnamos, isto é, somos no mundo, deixa de ser algo separado da consciência porque o sujeito estabelece relações com o mundo, que não é mais interpretado e sim, percebido.

Merleau-Ponty mostra, por meio de sua visão fenomenológica da percepção que o racionalismo pressupõe a razão e por sua vez o empirismo a sensação como as principais formas de adquirir o conhecimento do mundo. Ambos trabalham com a separação do sujeito e do objeto. Ele consegue reconstituir o elo rompido pela tradição metafísica entre a consciência e o mundo, corpo e alma, sujeito e objeto, passando de abstrato para concreto ou carnalmente vivido.

Para a teoria empirista, a sensação e a percepção dependem, em termos gerais, dos estímulos externos, os quais, por sua vez, agem sobre o sistema nervoso de modo a receber uma resposta do cérebro e, subsequentemente, percorrer o sistema nervoso novamente, tendo como finalidade chegar aos nossos sentidos sob a forma de uma sensação. O papel da percepção, neste caso, consiste em unificar as sensações e organizá-las numa síntese. A sensação e a percepção são abstraídas pelo empirismo como efeitos passivos que ocorrem devido à ação de objetos exteriores sobre o corpo do indivíduo. Trata-se de uma associação de sensações, dependentes da repetição e do hábito. Enquanto no racionalismo há um determinismo que acompanha a ideia de causa e efeito, no empirismo há uma indução a uma “conclusão” que infere-se sempre por força do hábito. (RETAMEIRO, 2018, p. 22).

Em resumo, tanto no empirismo quanto no racionalismo o objeto é situado como algo exterior ao processo do conhecimento. “De todo modo, persiste, ao menos, um ponto em comum entre tais posições: o empirismo, assim como o racionalismo, apresenta uma dualidade entre sujeito e objeto, alma e corpo. (RETAMEIRO, 2018, p. 23).

Descartes em seu livro as *Meditações* afirma ser o corpo algo extenso cuja substância é inferior a alma, pensamento ou razão. É o que escreve Descartes (1973, p. 99): “[...] creio que o corpo, a figura, a extensão, o movimento e o lugar são apenas ficções de meu espírito”.

Assim, portanto, Merleau-Ponty realiza uma leitura sobre as duas tendências de que o intelectualismo se apresenta “como uma doutrina da ciência e não como uma doutrina da percepção, ele acredita fundar sua análise na experiência da verdade matemática e não na evidência ingênua do mundo” (MERLEAUPONTY, 2006, p. 70). Já o racionalismo faz interpretações do percebido e não a percepção do mundo de fato. Por fim, em ambos, a percepção é somente “um registro progressivo das qualidades e de seu desenrolar mais costumeiro”. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 50).

No lado oposto das teorias vistas até então, o filósofo afirma que o homem não se liga ao mundo por relações de causalidade, visto que, o homem faz parte do mundo, e o este, por sua vez, sempre existiu, sempre esteve “ali”, ele é anterior a qualquer forma de pensamento.

Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo do qual ela é expressão segunda. A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 3).

Com esse fragmento, conseguimos perceber um mundo que é anterior à reflexão, não havendo um mundo exterior ao sujeito, que está fora do qual possamos acessar. Estamos inseridos no mundo, somos parte dele, ao mesmo tempo que sentimos também percebemos-o. Aqui os sentidos não são mais tratados como duvidosos e muitas vezes errados, a razão e a sensação agem no sujeito conjuntamente através do corpo. A sensação é vista como um fenômeno, advinda da nossa experiência no mundo.

Em síntese, o corpo é um ser de experiência. A linguagem é uma manifestação do ser através da linguagem que o corpo é visto como experiência

viva. O corpo não é mais entendido como um objeto e a linguagem como um instrumento, mas o corpo como um fenômeno do ser.

O movimento teórico que parte da tese abstrata da linguagem como instrumento para uma linguagem constitutiva do humano e expressando sua existência relacional com o ambiente enquanto manifestação que inclui a corporeidade do humano. A linguagem sempre esteve à margem e Merleau-Ponty alcança a importância com a linguagem incorporada. A visão empirista toma a linguagem como sendo fisiológica e a intelectualista a linguagem é revestida por um invólucro, para além dessas duas vias a palavra tem sentido, ela se torna uma potência.

O que Merleau-Ponty busca em sua fenomenologia da percepção é como a linguagem afeta a nossa capacidade de conhecer e compreender o mundo, isto é, perceber. Para o filósofo há um comércio entre o pensamento e o corpo. O que vemos aqui é a superação da teoria racionalista e empirista acerca do corpo. O corpo é parte constituinte do sentido pelo meio da qual nos relacionamos com o outro e com o mundo.

[...] sempre observaram que o gesto ou a fala transfiguravam o corpo, mas contentavam-se em dizer que eles desenvolviam ou manifestavam uma outra potência, pensamento ou alma. Não se via que, para poder exprimi-lo, em última análise o corpo precisa tornar-se o pensamento ou a intenção que ele nos significa. É ele que mostra, ele que fala (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 267).

O corpo expressa através de gestos, da fala, então, a linguagem não é mais um mero instrumento ostensivo de indicação ela é a maneira pela qual nos relacionamos no mundo e nos comunicamos com o outro, de uma maneira viva e ontológica. O corpo dentro da perspectiva fenomenológica da percepção, deixa o seu papel de coadjuvante para ser o ator principal, ou seja, o protagonista.

## Referências

GOLDSTEIN, K. El analisis de la afasia y el estudio de la esencia del lenguaje. *In: Psicología del lenguaje*. 2ª ed. Tradução de Ostrov, L. Buenos Aires: Paidós, 1960, p. 127-210.

DESCARTES, R. *Meditações metafísicas*. Tradução de Guinsburg, J e Júnior, B P.

São Paulo: Abril Cultural, 1973. [Coleção Os Pensadores].

AGOSTINHO, S. *Confissões; De magistro*. Tradução de Ricci, A. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

RETAMEIRO, B. *O retorno ao mundo percebido: Merleau-Ponty e Cézanne*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Toledo, p. 105, 2018.

Submissão: 16. 12. 2024

/

Aceite: 20. 01. 2025